

Minha Cadela na Multidimensionalidade

My Female Dog in Multidimensionality

Mi Perra en la Multidimensionalidad

Edi Paulo Dalbosco*

* Policial Civil. Pós-graduado em segurança pública.

dalbosco@pop.com.br

INTRODUÇÃO

Este relato é parte da história de uma cadela, a qual conviveu comigo por dezessete anos e quatro meses. Atendia pelo nome de Kelly. Ela ensinou-me o respeito que precisamos ter com os animais, não só os domésticos, mas com todos os seres, com o Cosmos. Através de minhas projeções conscienciais, foi possível constatar que ela também se projetava.

OS FATOS

Em abril de 1986, trabalhava e cursava a Faculdade de Direito. Minha esposa ficava a maior parte do tempo sozinha, em casa. Para sua companhia, procuramos um filhote de cachorro. Encontramos uma fêmea, na cor branca com manchas marrom-claro, raça indefinida, com características parecidas à *Fox*. Na primeira noite dormiu no banheiro; na segunda, na cozinha e na terceira, no quarto. O animal era especial. Kelly tinha olhos grandes e atentos.

Passados três meses, ela desapareceu, foi furtada. Passei a procurá-la. Dois meses após o ocorrido, esperava o ônibus que ia à Universidade e percebi que, na porta da farmácia, um animal, igual ao meu, observava o movimento da rua. O ônibus encostou. Embarcamos. No dia seguinte procurei o farmacêutico. A princípio negou, mas sabendo que era policial, confessou. O seu umbigo rendido facilitou a identificação. Paguei as despesas de remédios, alegadas por ele, e recambiei-a até minha casa, do outro lado da cidade.

Logo em seguida a esse fato, um carro atropelou-a, esmagando a cabeça e esfacelando a sua bacia. Cuidei dela por vários dias. Colocava o alimento e remédios na sua goela, escovava a sobra de sua arcada dentária. Com o tempo foi se recuperando e, por incrível que pareça, sua face foi voltando ao normal, bem como seus quartos esfacelados.

Ali estava uma figura semelhante à criança e como atesta a Conscienciologia, segundo o professor e pesquisador Waldo Vieira: “ O ato de matar um ser subumano, animal de paracorpo consciencial em evolução, é a réplica exata do ato de matar a criança, consciência de corpo animal em evolução” (2003, p. 612). O que me faz entender que o ato de curar um animal é o mesmo que curar uma criança.

Para mim, ela era especial, da mesma forma que é para qualquer pessoa que convive com animais de estimação e que realmente estime seus *pets*. Sabia quando ia chegar em casa. Adorava uma rotina, por exemplo passear pelas ruas ou, sempre na mesma hora, ir até o fundo do pátio e latir para um lagarto que habitava embaixo de algumas tábuas. O lagarto, sabendo que não seria agredido, saía e ficava olhando

o outro estranho animal. Quando ela estava embaixo da cadeira em que eu costumava sentar, sabia que vinha uma tremenda “bronca” da minha esposa. Ou, quando estava muito feliz, subia no encosto do sofá e rosnava nas minhas orelhas, como se quisesse falar, saindo, muitas vezes, alguns monossílabos.

Tinha, por assim dizer, alguns defeitos. Não gostava muito de crianças pequenas, pois enfiavam os dedinhos em seus olhos. Ela pegava a mãozinha da criança, mas não mordida. Rosnava e a criança debulhava-se em pranto.

Todo o animal de estimação se parece com o dono, como diz o adágio popular. Ela, certamente, não fugia à regra.

OS PARAFATOS

Projeção

Comecei a fazer um curso de Inglês. Tinha dificuldade na pronúncia desde os tempos de ginásio. Certo dia, projetado, encontro a Kelly ao meu lado, também fora do corpo. Minha percepção e interpretação era de que ela falava em inglês. Ensinava-me o ABC. No dia seguinte, lembrei-me do livro de Van Praag (1999), *“Falando com os Espíritos”*. Menciona o caso de um cão dessomado, ocasionado por uma injeção mortífera da dona, e que esta, com culpa, procurou-o. Com a sua clarividência, percebeu o animal e conversaram. O animal perdoava sua dona, dizendo, ainda, que estava sempre ao seu lado.

Esses fatos, no caso da minha cadela projetada, tornaram-se comuns, para não dizer, diários, quando eu também estava projetado consciente ou semiconscientemente.

Quando estava em casa, sentava-me em uma cadeira de praia, a fim de ler o jornal ou algum livro. Kelly costumava pedir colo, acomodando-se entre as minhas coxas.

Um dia, em uma projeção, entrei em um aparelho, parecido com uma pequena nave (equivalente a uma motocicleta voadora). Ao acomodar-me no aparelho, ela (Kelly) entrou e acomodou-se entre as minhas coxas. Perguntei à pessoa que a tudo acompanhava: “Ela pode ir comigo?”. “Sim, é bom que ela vá com você”, tenho como resposta. Pergunto, ainda: “Como isso funciona?” – referindo-me ao aparelho. “À vontade. É só imaginar e você vai aonde quer”. O aparelho começou a levitar. A missão, por assim dizer, era entrar em um desfiladeiro e efetuar disparos contra conciexes. Perguntei, ainda àquela consciência que me orientava: “Mas não vou matar ninguém?”. “Não se preocupe. Elas vão ficar assustadas e sairão correndo para fora do desfiladeiro. Daí nós as pegaremos e as lavaremos para outro lugar melhor”. Assim fiz o serviço: muitos rasantes, muitos tiros, parecendo um miniavião de caça. Realmente, aqueles que estavam no desfiladeiro saíram apavorados. Eram pegos e levados para outro lugar. Finalmente, terminei o serviço e fui até o alto do desfiladeiro. Saímos do aparelho, eu e a Kelly, e retornei ao soma.

Em muitas outras ocasiões, ela (Kelly) me acompanhou. Quando caminhávamos, projetados, ela ia sempre à frente, buscando caminhos, atravessando corredeiras, etc. Ao acordar percebia (dormia ao lado da minha cama) que ela mexia-se como se estivesse, também, voltando ao soma.

PARACIRURGIA

A Kelly, já com uma certa idade, começou a apresentar sintomas de câncer. Durante o sono, vi-me com ela em uma paracirurgia. Com o auxílio de uma conciex, retirei partes de suas vísceras. Depois de fazer uma espécie de limpeza, recolocamo-nas, usando uma espécie de cola em vez de fazer suturas. Na vida intrafísica, ela teve uma melhora, como se a doença estivesse estacionada.

NA EXTRAFISICALIDADE

Em agosto de 2003, dias após uma intervenção cirúrgica na boca, Kelly veio a dessomar. Dessomou, dormindo, ou teve sua projeção final em alto nível. Sentimos a sua partida. Seu soma foi enterrado no fundo do quintal. Plantamos um pé de azaléia que dá flores no ano todo: rosas e brancas.

Foi uma companhia irrepreensível por 17 anos e quatro meses.

Há um vínculo, por assim dizer, entre o homem e o cão há cinco mil e quinhentos anos, de quando datam os esqueletos encontrados de uma mulher e seu cachorro. Esse vínculo é comprovado pelo cachorro que permaneceu junto ao túmulo do policial de quem era companheiro, durante quatorze anos, até a sua dessoma (Documentário da *Animal Planet*: “*Cães. Os Melhores Amigos do Homem*”).

Devido à saudade do animal, tive uma projeção especial. O lugar era uma cidade bonita e limpa. Alguém me acompanhava e falava-me: “Você poderá vê-la, mas não a deixe vê-lo. Caso ela o veja, vai querer acompanhá-lo e estragará tudo”. “Não tem problema”, respondi. Entramos em uma casa. Fiquei próximo à porta e a vi no colo de uma senhora. Estava bem. Quem me acompanhava explicou-me: “Aquela senhora está cuidando da Kelly até sua recuperação. Caso ela o veja, poderá prejudicar o tratamento”. Obedeci rigorosamente.

Outras vezes a vi – eu projetado e ela vivendo na dimensão extrafísica. Procurei não chamar atenção, temendo prejudicá-la. Em outra ocasião, vi-a brincando entre várias crianças no pátio da minha casa. Dias depois, alugamos essa casa (havia me mudado de cidade), para uma escola maternal a qual funciona até hoje.

Vejo-a, seguidamente. Falo a ela: “Você não pode vir comigo, por ora, mas podemos nos ver de vez em quando”. Ela mostra entender o que se passa.

CONCLUSÃO

Para concluir é interessante relatar um fato ocorrido em um dia ensolarado de verão. Estava acampado à beira de um rio e joguei-me na água para refrescar-me. A Kelly tinha apenas um ano de idade. Nunca presenciara aquela quantidade de água, muito menos o seu dono dar braçadas. Ficou à margem desesperada, correndo de um lado ao outro. Em dado momento jogou-se nas águas e foi, nadando, ao meu encontro. Precisava resgatar-me. Percebendo sua intenção deixei-a para ver o que ocorreria. Com a boca pegou uma das minhas mãos e, nadando em marcha ré, reconduziu-me até as margens, junto a uma enorme pedra de basalto. Estava me salvando. Vendo-me a salvo, passou a correr em círculos, como se estivesse comemorando a sua façanha. Confesso que fiquei perplexo e emocionado.

O homem ainda recebe lições de outros animais menos desenvolvidos consciencialmente. Basta apenas o espírito da observação.

REFERÊNCIAS

1. VAN PRAAGH, James. **Conversando com os espíritos**. Rio de Janeiro: WVA, 1999.
2. VIEIRA, Waldo; *Homo sapiens reurbanisatus*. Foz do Iguaçu: CEAEC, 2003, página 612.

Obras Consultadas

3. VIEIRA, Waldo. **700 Experimentos da Conscienciologia**. Rio de Janeiro: IIPC, 1996.
4. _____. **Projeções da consciência**: diário de experiências fora do corpo físico. Rio de Janeiro: IIPC, 2002.

Filmografia

1. ANIMAL PLANET. **Cães**: os melhores amigos do homem (título original: *Dog's Life*). Documentário produzido pela Play Arte Home Vídeo. Duração: 104 minutos.